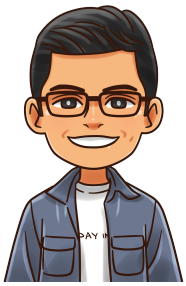

Entrevista: Alex de Carvalho (ENS-Paris)

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Neste número sobre formação do linguista, nossa seção de entrevistas será um pouco diferente do tradicional. Ao invés de entrevistarmos um professor já estabelecido na área, iremos entrevistar um jovem linguista no final de sua formação.

Alex Sander Lopa de Carvalho é carioca de São Gonçalo. Cursou a graduação em Letras com habilitação em Português / Francês na UFRJ e fez iniciação científica em Linguística com a professora Aniela Improta França. Seu grande interesse nos estudos linguísticos é compreender como crianças tão pequenas conseguem depreender tantas informações do seu meio, a ponto de adquirir qualquer língua do mundo sem qualquer instrução formal. Alex investiga os mecanismos que as crianças utilizam para aprender sua língua materna, antes mesmo de elas começarem a falar.

Durante sua graduação, Alex conseguiu uma bolsa do Governo Francês para lecionar Português na França. Durante este período, conseguiu uma vaga no mestrado na École Normale Supérieure (ENS-Lyon) e decidiu assim, continuar seus estudos na França. Daqui a alguns meses, ele irá defender seu doutorado em Ciências Cognitivas no ENS-Paris, com projeto ligado ao *Laboratoire de Sciences Cognitives et Psycholinguistique* (LSCP), um dos centros mais importantes de aquisição de linguagem no mundo.

Linguística Rio (LR): Primeiramente, agradecemos ao Alex pela disponibilidade de nos conceder esta entrevista. Voltando um pouco no tempo, como morador de São Gonçalo sabemos que é difícil acordar cedo todos os dias para chegar ao Fundão as 7h30 da manhã em meio ao transito do Rio de Janeiro. Além disso, a UFF seria com certeza uma opção mais confortável. Teve algum motivo especial para você escolher a UFRJ ao invés da UFF? E o que te motivou a escolher Letras com habilitação em Português / Francês?

Alex de Carvalho (AC): Eu que agradeço a vocês pelo convite!

A minha escolha pela UFRJ se deu de maneira muito voluntária. Eu lembro que ainda durante o último ano do ensino médio, eu e alguns amigos da escola fomos visitar o campus da UFRJ e, para mim, foi amor à primeira vista! Eu dizia: "É aqui que eu quero estudar!". Além disso, essa escolha foi extremamente apoiada pela maior parte dos meus professores de Ensino Médio que me orientavam bastante e diziam que a UFRJ era uma excelente instituição e que eu teria sem duvida uma formação muito completa lá. Essa decisão foi então se tornando cada vez mais madura e meu único desafio para concretizar essa escolha era o de conseguir passar no vestibular. Como naquela época o vestibular da UFRJ era composto unicamente de provas discursivas em todas as matérias, eu achava que seria muito mais difícil entrar na UFRJ do que nas outras universidades. Mas se a vontade era ir para lá, então esse era um obstáculo a ser vencido e eu sabia que tinha de estudar bastante até conseguir! Imaginem a minha felicidade quando eu soube que estava aprovado?

Eu cheguei a hesitar um pouco no início entre escolher a habilitação em Inglês ou em Francês. Como eu já falava inglês, essa seria a escolha mais natural para mim. Mas naquela época eu já sabia que não gostaria de me tornar um professor de Inglês. Então

precisava escolher qual seria a nova língua a aprender. Dentre todas as outras línguas oferecidas, o Francês era a que mais atraía a minha atenção. Eu sempre achei a sonoridade da língua francesa muito envolvente e tinha muita vontade de aprender essa língua um dia. A oportunidade parecia então estar batendo à porta. Mas eu tinha medo de começar uma habilitação em Francês sem saber nada de Francês. Eu pensava: como é que eu vou chegar nessa universidade sem saber nada de Francês e sair de lá um professor fluente e especialista em língua Francesa em apenas 4 anos? Mas eu aceitei o desafio, e tendo lido no edital que era possível ingressar no curso sem ter conhecimento prévio de Francês, eu me lancei. Foi a melhor decisão que eu já tomei na minha vida!

LR: Na UFRJ, em que momento você descobriu que gostava de Linguística e queria seguir carreira na área? E neste momento você já sabia que queria se especializar em aquisição de linguagem?

AC: Desde o primeiro período! Eu tive uma sorte incrível de ter um curso de Linguística 1 que apresentava um panorama muito completo dos diversos tópicos que poderiam ser estudados em linguística. Lembro que a professora desse curso na época, a Aniela Improta França, dizia: "No final desse semestre vocês vão poder dizer se gostam ou não de linguística!".

Em um único semestre estudamos tópicos em fonologia, passamos pela sintaxe e aprendemos a fazer as famosas "arvores", estudamos um pouco de semântica e acesso lexical, mas o que foi mais impressionante para mim foi toda a parte de Neurociência da Linguagem. Eu ficava maravilhado assistindo as aulas sobre como a linguagem se desenvolvia no cérebro, os mecanismos neuronais responsáveis pelo processamento linguístico, os vídeos que a professora Aniela apresentava sobre casos de pacientes com problemas linguísticos, e o toque final foi quando começamos a falar sobre como os bebês aprendiam a sua língua materna. Aí não teve mais jeito! Eu já estava completamente envolvido pela área e queria aprender mais e mais. Acho que a professora Aniela notou logo isso! Eu a bombardeava de perguntas sobre o assunto! Foi assim que ela me convidou para fazer parte do seu grupo de iniciação cientifica e do laboratório que ela estava criando na época, o ACESIN. Foi durante a minha iniciação cientifica e as pesquisas que eu pude desenvolver com a Aniela e sua equipe que eu decidi que queria me especializar em aquisição da linguagem.

LR: Uma vez descoberto seu interesse pela linguística, foi muito difícil encontrar um professor para fazer iniciação científica? E para conseguir bolsa de IC?

AC: Como eu disse na questão anterior, eu tive a sorte de já ter sido convidado para fazer a iniciação cientifica logo no primeiro semestre. A bolsa de IC me foi atribuída alguns meses depois de estar fazendo a iniciação e frequentando as reuniões do laboratório. Assim que a professora Aniela e eu já tínhamos uma ideia mais clara do assunto que eu estudaria durante a minha iniciação, ela escreveu um projeto pedindo uma bolsa de IC do CNPq e no início do terceiro semestre da faculdade eu comecei a receber a bolsa de IC.

LR: Como aluno da UFRJ, você teve apoio de algum tipo de bolsa, financiamento para viagens? O que você fazia quando precisava viajar para apresentar suas pesquisas?

AC: Infelizmente, além da bolsa de Iniciação cientifica, nunca ouvi falar de nenhum outro tipo de apoio ou financiamento para viagens para congressos que fosse oferecida

aos alunos de graduação. Na verdade, o que ouvíamos dizer é que isso era difícil conseguir até mesmo para os próprios professores. Quando precisava viajar para apresentar minhas pesquisas, sempre tive que pagar as despesas do meu próprio bolso. Espero que os alunos hoje tenham outras alternativas.

LR: Em que momento você decidiu seguir carreira no exterior e quais foram as suas motivações? E como fez para conseguir financiamento?

AC: Durante toda a minha formação, a professora Aniela sempre me dizia que se eu quisesse mesmo me tornar um especialista em Aquisição da linguagem, o ideal seria ir para o exterior, pois no Brasil, infelizmente essa área ainda não era muito desenvolvida. Nessa época eu não entendia muito bem o que isso queria dizer, pois ainda não tinha ideia do que seria uma área de conhecimento bem "desenvolvida" no nosso país. Para mim, tudo o que nós fazíamos já era maravilhoso, e super bem desenvolvido! Mas eu ainda era muito jovem, inexperiente, nunca havia saído do Brasil e nem sabia como eram os laboratórios que estudavam linguística em outros países e nem mesmo quais seriam as necessidades de se poder estudar de maneira aprofundada a aquisição da linguagem com bebês pequenos.

Quando eu consegui a vaga de professor de português aqui na França (durante o último ano da faculdade), eu comecei a escrever para os laboratórios que estudavam linguagem em Bordeaux (cidade onde eu trabalhei) para tentar conseguir um estágio com eles durante o período em que estivesse por lá. Consegui essa oportunidade e foi uma experiência maravilhosa! Era um laboratório em neurociências da linguagem que estudava tudo aquilo que me interessava, mas com uma infraestrutura que eu nunca imaginei que pudesse existir. Foi ali que eu comecei a entender o que a Aniela queria dizer quando falava de desenvolvimento, de incentivo à pesquisa, de estrutura apta para se produzir descobertas cientificas importantes, de valorização dos profissionais de pesquisa, etc. Quando o fim do meu contrato como professor em Bordeaux estava se aproximando, a professora com quem eu estava fazendo esse estágio na França, me perguntou por que é que eu voltaria para o Brasil?

Ela dizia que ao longo do meu estagio havia percebido que eu era muito apaixonado pelo o que fazia e que parecia ser alguém muito motivado pelos estudos em Ciências Cognitivas. Então tendo em vista que a área de Ciências Cognitivas ainda não existe de maneira concreta no Brasil, o ideal seria que eu ficasse na França e me formasse nessa área, ela sugeriu. Para isso ela me ofereceu duas alternativas: a primeira seria a de me apresentar ao concurso da *École Normale Supérieure* (ENS) que é uma excelente instituição na França e que oferece um salário para os alunos durante a formação. A segunda alternativa era, caso eu não passasse nesse concurso, a de ficar em Bordeaux e me inscrever no mestrado de Ciências Cognitivas na mesma Universidade onde eu já fazia o estágio com essa professora. Para isso, ela disse que estaria disposta a me pagar uma pequena bolsa de estudos no seu laboratório para que eu pudesse fazer o mestrado com ela.

Nesse momento conversei bastante com a minha orientadora no Brasil e ela também me incentivou muito a tentar a seleção da ENS. E para minha felicidade, eu fui admitido. Foi nesse momento que eu decidi seguir a minha carreira no exterior.

LR: Como é estudar na França? O ritmo de trabalho e de estudos é muito diferente do que temos no Brasil?

AC: Do ponto de vista do individuo, eu diria que não há diferença entre ritmo de trabalho e estudos de um brasileiro ou um francês. Se a gente faz uma tese de doutorado

no Brasil ou na França, acho que a responsabilidade com o que estamos produzindo tem de ser a mesma e a quantidade de coisas que precisamos estudar e produzir, também.

Entretanto, na prática as coisas não são bem assim. Claro que eu poderia citar as diferenças que existem quanto a infraestrutura das universidades, as estruturas dos laboratórios de pesquisa, o acesso à informação (acesso à periódicos pagos), a riqueza das bibliotecas, etc. Mas acho que a maior diferença entre o Brasil e a França que pode influenciar no ritmo de trabalho e estudos de alguém que faça seu doutorado em um pais ou no outro está na valorização do profissional de pesquisa!

Acho que infelizmente o fato de ainda não reconhecermos dignamente alunos de IC, mestrado ou doutorado como pesquisadores em formação e produtores de descobertas cientificas no nosso pais, gera um entrave para o avanço cientifico no Brasil e impacta dramaticamente a vida dos alunos que decidem fazer pesquisa cientifica.

No Brasil eu já vi vários amigos em mestrado ou doutorado, por exemplo, tendo de acumular cinquenta mil atividades ao mesmo tempo porque viver só com o dinheiro da bolsa é impossível. Essa situação gera um problema muito grave para os estudos. Pois se simplesmente para poder viver você tem que ficar correndo de um lado para o outro acumulando várias atividades para poder complementar a renda, quando é que você tem o tempo devido para estudar e fazer pesquisa? Nas horinhas vagas? Isso é muito complicado e eu tenho certeza que é um fator que atrapalha muito o avanço cientifico no nosso pais.

Aqui na França, aluno de doutorado por exemplo, não é considerado estudante, mas sim, um trabalhador. Ele tem um contrato de trabalho com dedicação exclusiva e a obrigação de cumprir sua carga horária no laboratório igual a qualquer outro profissional em qualquer outro emprego. Ou seja, você cumpre a sua carga horária estudando e trabalhando única e exclusivamente para o seu doutorado e efetuando suas pesquisas. Acho que muitos que lerão essa matéria vão provavelmente pensar que isso é um privilégio, quando na verdade isso deveria ser o padrão em qualquer país.

LR: Você sente falta de algo no Brasil? Pretende voltar e desenvolver suas pesquisas no Brasil algum dia?

AC: Sinto falta da minha família e dos meus amigos. Quero muito poder contribuir de maneira significativa para o avanço cientifico no Brasil. Se eu puder compartilhar a minha formação e experiência para levar a área de Ciências Cognitivas para o Brasil e para ajudar a desenvolver entre outros, os estudos em Aquisição da linguagem com bebês, eu vou ficar muito feliz. Acho que quando a gente produz conhecimento, o nosso maior objetivo tem de ser o de compartilhá-lo. Não se faz ciência de verdade, se guardamos tudo o que aprendemos ou descobrimos, apenas para nós mesmos! Também não é muito interessante, se você é o único que conhece alguma técnica para provar alguma coisa. O principio fundamental da ciência é que outras pessoas possam ser capazes de replicar suas descobertas.

Eu tenho um comprometimento pessoal com a vida que é o de poder retribuir, todas as oportunidades incríveis que eu tive. Para isso, eu espero poder passar todo o meu conhecimento e formação a outros estudantes e poder assim, contribuir com a formação de novos pesquisadores. Acho que é assim que nós vamos conseguir desenvolver devidamente uma nova área de estudos no Brasil.

LR: Ao longo de todo este caminho, em algum momento você pensou em desistir da carreira de linguista?

AC: Bom, acho que para responder a esta pergunta preciso antes distinguir duas

coisas. A primeira é o que eu endento por "carreira de um linguista" e a segunda é o que entendo de "ser linguista". Quando pensamos na carreira do linguista, pensamos sobretudo na possibilidade de se ter um emprego que nos permita "ser linguista".

Quanto a este aspecto, sim, já duvidei muito. Não duvido por não me achar capaz de ter um emprego. Duvido por saber que infelizmente todos os anos, formamos centenas de novos doutores na área, mas infelizmente, não temos nem mesmo 10% desse numero em vagas de emprego para oferecer aos jovens doutores. A competitividade é extremamente alta e, acreditem, tem muita gente boa no mercado que ainda está precisando de um emprego. Quando pensamos nesse aspecto da carreira, quem não pensaria em desistir? Por que achar que com a gente vai ser diferente? Você pode até achar que vai estudar muito para se tornar muito bom e passar em qualquer concurso. Mas lembre-se, em algum lugar no mundo, existem outros doutores pensando exatamente como você e fazendo tanto esforço quanto você. Mas aí você percebe que não tem jeito. Assim é o sistema. E ele vai continuar sendo assim, infelizmente. Então se você quiser de verdade ter o privilegio de poder ter uma carreira que vai te permitir fazer em tempo integral aquilo que você gosta, você não tem escolha! Esse é jogo que você vai ter que jogar! Mas sejamos positivos, as chances de não conseguir não são maiores do que a de conseguir! Então, vamos lutar!

Quanto ao segundo aspecto, o de ser linguista, acho que eu nunca poderia desistir de ser um. Pelo menos não com todas as infinitas perguntas que eu tenho na cabeça! Acho que mesmo que a vida me levasse para uma outra área de atuação, eu ainda assim iria ficar pensando em diversos mecanismos que suportam o funcionamento da linguagem, toda vez que fosse exposto a uma situação intrigante. Eu sou muito curioso e a linguagem tem um poder muito forte sobre a minha curiosidade! Eu amo o que faço e acho que sou tão fanático pelo que faço como qualquer pessoa que é muito apaixonada por alguma coisa. Imaginem por exemplo aquela empolgação que observamos nos torcedores de um time de futebol quando eles estão em um estádio lotado torcendo pelo time deles? Esse sou eu quando começo a investigar algum fenômeno da linguagem que me interessa. A cada descoberta, sou capaz de gritar igualzinho a um torcedor de futebol quando assiste a um gol do seu time de coração. Só não o faço literalmente, para não incomodar os colegas que estão ao meu lado no laboratório.

LR: Qual o seu conselho para os jovens linguistas que estão iniciando na carreira acadêmica?

AC: Vocês têm a chance de mergulhar em um ambiente cientifico fascinante e estimulante! Muitas questões em linguística precisam ser tratadas com uma abordagem multidisciplinar pois para estudarmos a linguagem humana, precisamos também levar em conta o objeto que produz essa linguagem: o ser humano. A cognição humana é tão fascinante, e quando estudamos a linguagem, nos damos rapidamente conta disso. No que concerne a carreira, como eu disse na questão anterior, a situação é desesperadora! Sim, existem poucas vagas e elas não são suficientes para empregar todos os novos doutores que se formam todos os anos. Mas atenção, isso não é uma situação que acontece apenas em linguística, mas em diversas outras áreas acadêmicas. Então, se você é verdadeiramente apaixonado pelo que faz: lute! Jogue o jogo! Você tem chances de ganhar! Faça a sua parte! Estude, muito! Pesquise! Corra sempre atrás da informação e do conhecimento. Tenha maturidade para receber criticas e aprenda com elas! Não se sinta incomodado quando receber uma critica sobre o seu trabalho. Pelo contrario, valorize o seu colega por ele ter tido interesse no seu estudo e ter usado do seu tempo para te interrogar sobre algo que você estudou, porque era de seu interesse. Nunca

tenha vergonha de dizer que não sabe alguma coisa. Lembre-se, na academia a gente constrói conhecimento e ninguém é o dono absoluto dele. Muito do que aprendemos vem da interação com os colegas e principalmente com colegas que estudam questões diferentes das nossas. Você aprende muito sobre o seu trabalho, quando escuta as diversas interpretações que ele evoca nas pessoas de outras áreas de conhecimento e claro, especialistas da sua área também.

O meu conselho então é: faça a sua parte! Estude tudo que você puder estudar, vá buscar as suas respostas e procure ter a melhor formação que você puder ter para ser o melhor profissional na sua área. Estes são os fatores da carreira que dependem unicamente de você e é sobre eles que você pode verdadeiramente agir. Os outros fatores (número de vagas e concursos por exemplo) não dependem de você. Então pense que se você tiver feito a sua parte e tudo o que estava ao seu alcance para conseguir se tornar o linguista que você desejava, se isso não acontecer, você não vai ter nada do que se arrepender. Você vai ter feito tudo o que podia e terá convicção disso! Mas se achar que talvez não tenha feito tudo o que podia, lembre-se que nunca é tarde para estudar e buscar formação. Aprender, só depende de você!